

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRACÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

AGENTE NO BRAZIL : SERAFIM JOSÉ ALVES
Rua Sete de Setembro, 83, Rio de Janeiro.

GERENTE EM PORTUGAL : DAVID CORAZZI
42, rua da Atalaya, Lisboa

PORUTGAL E COLONIAS
(Moeda forte)
Semestre ou 6 numeros. 1.500 réis
Trimestre ou 3 numeros. 800 réis.
Por mez ou numero avulso. 300 réis.

PREÇOS DA ASSIGNATURA

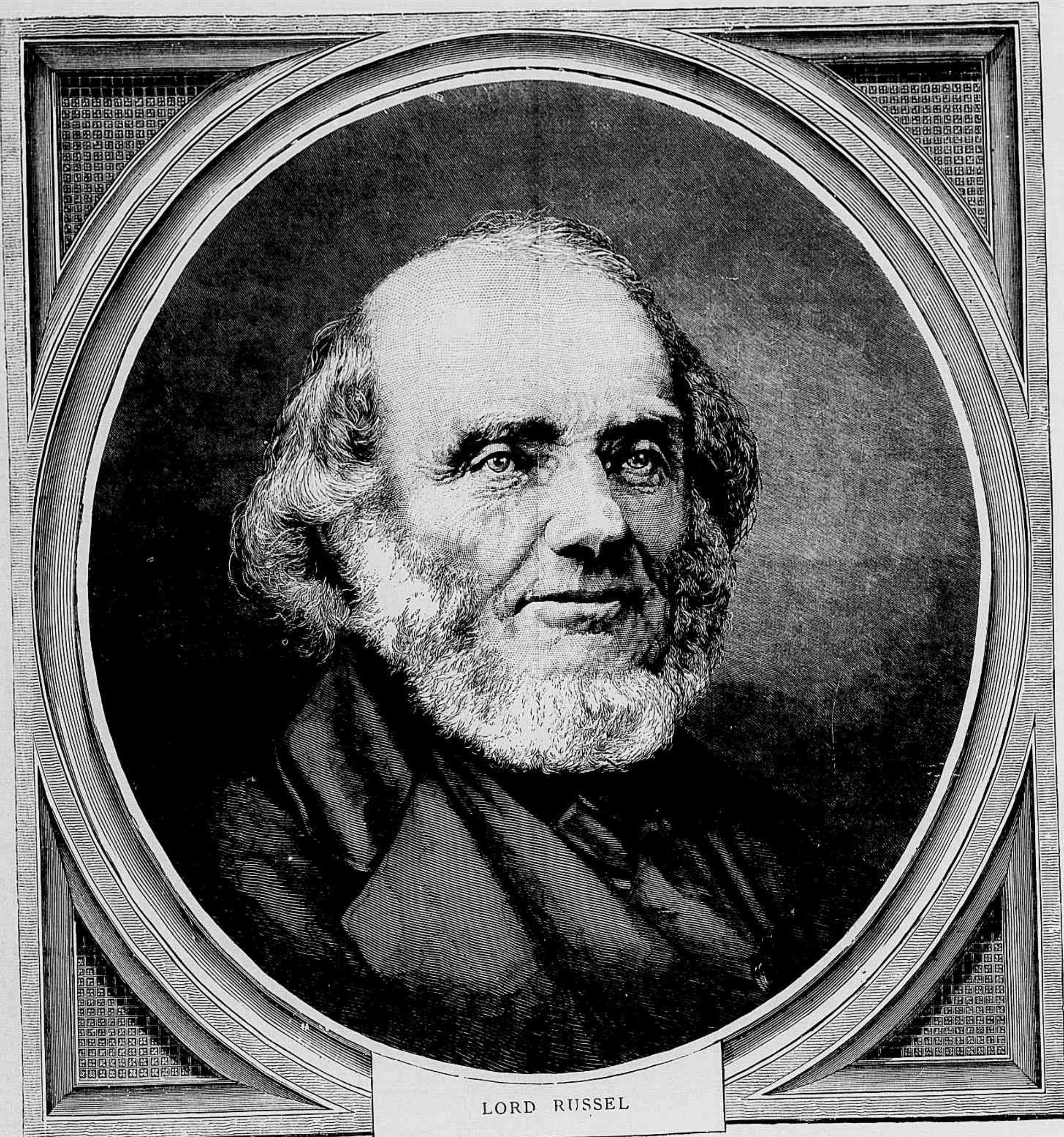
BRAZIL E AMERICA DO SUL
(Moeda fraca)
Semestre ou 6 numeros. 5.000 réis.
Trimestre ou 3 numeros. 3.000 réis.
Por mez ou numero avulso. 1.000 réis.

FRANÇA E ESTADOS DA UNIÃO GERAL
DOS CORREIOS
Semestre ou 6 numeros. 8 francos.
Trimestre ou 3 numeros. 4 fr. 50.
Por mez ou numero avulso. 1 fr. 50.

VOL. Iº.

PARIS, 31 DE MAIO DE 1878.

NUMERO 10.



SUMMARIO

TEXTO

Correio de Paris	Guilhermino de Sá
Lord Russel	
Uma vítima do Caminho do Ferro	
Fachada da secção portuguesa	
O Pavilhão do Príncipe de Galles	
História d'um cão vadio	Emilio Zola.
A romeria de arminho	
Um porteiro do Papa	
Como as meninas	
A Condessa Lambertini	
O Bazar Oriental	X...
A viagem ao fim do mundo	
Revista bibliographica	João Tedeschi.
Variedades	

GRAVURAS

Lord Russel. — Fachada da secção portuguesa na Exposição Universal. — O Pavilhão do Príncipe de Galles. — A romeria de Arminho. — Como as meninas. — A condessa Lambertini. — Bazar Oriental.

CORREIO DE PARIS

Os que quizerem, n'um golpe de vista, ter uma idéa aproximada de qual é a preocupação dominante da nossa época, podem, sem muito custo, satisfazer esse desejo. E virem à Exposição Universal de Paris, em 1878. Tudo lá está: a arte, a indústria, a ciência, o comércio, a navegação e uma infinitade de coisas mais. Eu digo que tudo isso lá está, por ter ouvido dizer que assim é, e por estar no programa de todas as Exposições universais; mas com verdade o que lá está é a prova da decadência intelectual e artística da nossa época, e a glorificação da indústria moderna. Moveis ricos, tapetes sumptuosos, bronzes cinzelados, espelhos enormes com esplendidas molduras, carroagens luxuosas, perfumarias em lindos frascos de cristal, de tudo isso ha lá com abundância. Ha também em grande quantidade mecanismos de toda a sorte, para fabricar objectos e tecidos de infinitas variedades. O melhor das faculdades humanas tem-se empregado, nestes últimos tempos, em aperfeiçoar mecanismos para a indústria e engenhos para a guerra. Dizem que com isso o homem ficou mais nobre, porque faz com que o ferro e o vapor produzam o que elle dantes produzia com o seu braço.

A arte também lá está exposta em quadros e estatuas que bem mostram quanto sabemos mais do que os antigos, quão superiores somos no ofício de pintar, e quanto menos artistas somos do que elles. Fôram-se os deuses, depois atraç d'elles o ideal, e agora para mal nosso vamos entrando no período do positivismo. Vamos entrando? Não digo bem. Já lá estamos quasi todos. Já ha uma estatuaria positivista, uma ciência positivista, uma literatura idem, e também uma philosophia positiva, isto é uma philosophia, que, sem querer, nega que possa haver philosophia. É necessário pois que o homem suffoque o que em si tem de mais nobre, a aspiração, e se contente com perceber só o que avista com os olhos, que vêm tão pouco. Para lá do horizonte não ha mais nada. Ó tristeza! Não bastava já a que resultava das condições da

nossa existencia. Ao menos a teoria utilitária de Epicuro era heroica e tinha elevação, e com esta afoga-se a gente n'um mar de chatezas como quem se debate enterrado no lodo. A arte que a Exposição nos apresenta é digna da época em que floresce uma tal philosophia. Sim senhor, todos esses quadros estão muito bem pintados; o desenho é geralmente correcto; os contornos são puríssimos; o estudo da anatomia está perfeitamente revelado n'aquellas estatuas; as posições são muito naturaes; vê-se bem se os mantos são de veludo ou de pano, não ha dúvida; mas o sentimento artístico onde está n'essas estatuas e n'esses quadros que não fôram fabricados senão com o intuito de serem vendidos por bom preço a uma classe que antepõe, ao culto do senso moral e ainda mais ao do artístico, o amor do gozo?

Pedio-se a todos os donos de armazens, fábricas e lojas que mandassem para ali o que tinham de melhor nos seus mostradores e depósitos, para os apresentar ao público. Eu é que ainda não percebi para que era esta azafama toda. Para divertir o público? Podiam escolher melhor. Divertir bestificando, não me parece acertado. O povo que lê pouco e mal, e que tem, por consequencia, uma fraca instrução, não pôde de modo algum estar preparado para colher proveito d'um espectáculo tão variado e confuso. O público passa indiferente, quando não pára embasbacado diante d'esses mecanismos. O que o interessa é o artefacto em si. Se lá vai é para ver esses elementos do luxo que lhe materializam a alma, que lhe comunicam a sede do gozo e que o infectam da peste moderna. O povo não aprende coisa alguma, n'essas exhibições, que lhe seja proveitosa. Além de que já conhecia a maior parte d'esses objectos, por tel-os visto nos bazares e lojas, corre o perigo, na sua ignorância, de ficar julgando que uma festa d'aquellas é uma festa moralizadora, por ser patrocinada pelos poderes públicos. Se todo aquelle apparato é para instruir, não instrue senão algum contra-mestre pouco dado a leituras, e que dirige alguma industria em paiz em que ella esteja muito atrasada. E ainda este se aprende, é porque sabe muito menos do que o que deveria de saber, se attendermos aos livros que se publicam sobre todas as matérias, aos catálogos que espalham prodigamente os fabricantes de máquinas, e às visitas que deveria ter feito às officinas estrangeiras como aprendiz, em vez de vir divertir-se à Exposição como contra-mestre dilettante.

Dizem também que lá está a ciência. Mas qual ciência? Que ciência é essa que se não aprende nos laboratórios, nos amphitheatros anatomicos, nas universidades, nas bibliotecas, nos livros emfim, e que se adquire ali n'um instantinho, com a mesma facilidade com que se descasca uma laranja? Os ignorantes ficam pensando que tudo aquillo é ciência, mas os que tem trabalhado muito para aprenderem pouco, esses, não caem no logro. Decididamente não é aquella a mansão da ciência.

Pretendem outros que as Exposições tendem a aproximar os povos, unindo-os fraternalmente, a ponto que ha de chegar um dia, em que a força de Exposições, se ha de declarar a paz universal. Nem mais nem menos. Tanta exposição ha de haver que a final a guerra virá a acabar. E ainda ha quem não delire de entusiasmo, com uma afirmação d'estas. E que

sempre haverá incredulos, e mais quem queira aprender na historia do passado do que na do futuro, que é toda hypothetica. O que se sabe, por ora, é que a Exposição de 1867 precedeu de pouco a guerra de 1870, a Exposição de Philadelphia de 1876 precedeu a guerra do Oriente, a actual não se sabe ainda qual precederá, mas isso é questão de pouco tempo. D'aqui a poucos meses se verá. Andam umas pelas outras. Tantas exposições quantas guerras desastrosas. A este respeito, julgo mais rasoável afirmar que as Exposições não tem nada que fazer com as guerras, antes as guerras é que podem impedir as Exposições. Por em quanto ainda as grandes Exposições não concorrem tanto para a paz, como uma boa esquadra ou uma boa artilharia. E se não chegarmos á paz geral por este meio, aquelle parece-me suave de mais, para não dizer tolo.

Um governo serio não deveria deixar-se arrastar por estas ou outras considerações de igual jaez, para a final estabelecer a sua custa um bazar immenso, em que cada qual vem fazer o negocio que pôde. As exposições especiais de cada industria, são uteis, com a condição de serem completas, e para isso são necessarios cuidados e conhecimentos especiais. Quando as coisas se não podem fazer assim, e os governos tem que se limitar a aceitar o que a cada um lhe apraz mandar, é melhor deixar isso á iniciativa particular. Trata-se de mercantilismo (pois ali quasi que não ha outra coisa). Nesse caso é aos interessados que incumbe dar os passos necessarios. E se estes entendem que lhes não é conveniente entrar n'essas despesas, por outra, se entendem que o negocio é máo, que o abandonem e que tratem da sua vida por outra forma. Não sei em que perigue a civilisação se não houver de vez em quando uma grande feira muito enfeitada, com ares de arraial cosmopolita.

Ha na Alemanha um exercito não armado, composto de homens de ciência. São os professores das Universidades. São elles os que derramam mais luz no mundo científico. São uns poucos de centos de homens que não tem quem rivalise com elles em saber. Pois reúnem-se, e perguntam-lhes se para que a civilisação caminhe, se são necessarias aquellas feiras em ponto grande. Responderão, sem hesitar, que não. A Alemanha, d'esta vez, não veio. Recusou-se. E para isso não teve que consultar os homens de ciência, bastou pedir conselho ás associações commerciaes e industriais, que opinaram na maior parte pela negativa.

Eu não quero dizer, de modo algum, que o comércio e a indústria sejam duas coisas más ou inuteis. Estou muito longe d'isso. O que me parece é que, apresentar ao povo, com mil attractivos, os requintes d'uma civilisação material, traduzida em artigos de gozo bestial e de commodismo luzente, é pretender rebaixá-lo e prestar-lhe um máo serviço. O povo que já anda bastante desorientado por falta de instrução e de ideal, ainda mais desorientado fica com um incentivo tão pernicioso, porque fica pensando que aquillo é o maximo a que as faculdades humanas podem chegar. Quanto se engana. O espetáculo da actividade do homem desenvolvendo-se em tantas e tão multiplicadas formas é sem duvida interessante e útil, para quem tem o espírito assaz cultivado para poder discernir e aproveitar a lição, mas para o vulgo nem é instructivo nem moralizador. O maior

talento, o melhor inventor na industria não é decerto uma capacidade igual a um Berthelot ou a um Le Verrier. Não passam de mediocridades. A industria humana não conta nos seus annaes Humboldt nem Hegeis. Os Platões e os Aristoteles nunca illustraram essas emprezas.

Tudo n'esta vida está em termos um ideal. É com elle e só com elle que o homem pôde combater as amarguras de existencia. Mergulhamos no materialismo brutal, sem termos um polo superior, um alvo elevado, illusorio ou não, a que aspiremos, é querermos, por gosto, tornar mais intensos os nossos desesperos. A dôr é condição essencial da vida do homem. Existir é sofrer. A arte, a sciencia, a poesia, a alta cultura do espirito, o amor do bem, são centelhas saídas da parte mais nobre do espirito humano, e as unicas descobertas capazes de lhe adoçarem o fel da existencia. Com estas sim, mas com as que se vêem n'essas feiras, que se chamam Exposições, nunca se chegará a minorar as dôres da pobre humanidade.

GUILHERMINO DE SÁ.

LORD RUSSEL

O modo de ser politico e social da Inglaterra, nos ultimos 60 annos, é um dos phenomenos mais curiosos do seculo actual. Em quanto, n'este seculo entre todos agitado, o progresso social e politico das outras nações se effectua por meio de uma successão quasi vertiginosa de revoluções, de reacções, de golpes de estado e conspirações de palacio, a Inglaterra opera sobre si mesma um trabalho de transformação surdo, lento mas continuo, e sem abalo, sem quasi se dar por isso, realisa placidamente uma grande evolução historica. Nação monarchica, a Inglaterra dá ao mundo o exemplo d'uma liberdade cada vez mais ampla: nação aristocratica, consegue fazer da sua aristocracia um instrumento de progresso. Tal é a sua originalidade como nação. Esta originalidade traduz-se no caracter dos seus homens de estado, cujas physionomias reflectem admiravelmente estes singulares contrastes da vida nacional. O homem de estado inglez é um mixto particular de aristocrata, de patriota, de conservador e de liberal. É monachico convicto e defende tenazmente, em face da realeza, as liberdades populares: é aristocrata e conservador, o que o não impede de tomar resolutamente a iniciativa de todas as medidas de progresso reclamadas pelas novas condições d'uma sociedade que se transforma n'elle. O espirito liberal e o espirito conservador unem-se e apoiam-se mutuamente, em vez de se excluirem. É a esta illustre familia de homens publicos, que conta entre os seus membros um Chattam, um Fox, um Peel, um Palmerton, que pertence Lord John Russel. Representante de uma das grandes familias aristocraticas da velha Inglaterra, lord e conde, John Russel tomou na sua mão leal a causa popular e tel-a triumphar duas vezes, com duas das reformas de maior alcance que a Inglaterra viu realizarem-se depois de 1820. A primeira d'estas medidas foi o *bill* de emancipação dos catholicos (em 1829) até ali systematicamente excluidos e como que proscriptos pelo espirito de intolerancia protestante. O outro grande acto da sua vida publica foi *A Reforma Eleitoral* de 1841, que assegura definitivamente uma larga parte de influencia e poder áquella forte classe-média, á qual a Inglaterra deve, n'este seculo, a melhor parte da sua riqueza e importancia. E escusado insistir sobre o alcance d'estas duas medidas, que pertencem á historia e que a historia começou já a julgar. Estas medidas transcendem os limites estreitos da vida d'uma nação, sendo como são, no fundo, dois actos da grande evolução social do nosso seculo, e pertencem por isso á historia geral da civilisação da nossa época. O nome, pois, de Lord Russel, nome essencialmente inglez, é ao mesmo tempo euro-

peu e universal, porque a sua acção politica não é mais do que o reflexo, dentro da sociedade ingleza, d'esse vasto movimento secular que faz passar toda a sociedade europea do *antigo regimen* para um regimen novo, ainda mal definido quer nos factos quer nas idéas, mas a que cabe sufficientemente o epitheto de democratico.

UMA VÍCTIMA DO CAMINHO DO FERRO (CONTO)

Todos os leitores conhecem, pelo menos de tradição, os pontos mais pittorescos dos arredores de Paris, sabem de cor os nomes dos poeticos lagos da Suissa e da Italia, e na realidade ou levados nas azas da imaginação já teem percorrido os mais reconditos penhascos da verde Erin presos nas loiras tranças d'alguma virgem d'Ossian. Sabem tudo isto, mas ignoram talvez que existe o rio Deste. É este o nosso sestro, que tarde ou nunca se desarraigará do espirito portuguez, tão franco de louvores para tudo o que é estranho, e tão avarento d'elles para o que é seu. Os que vão lá fóra, ficam muitas vezes desapontados com a comparação do que vêem com o que conhecem da sua terra, mas voltados á sua patria nunca deixam de exclarar: Que soberbo panorama o de Hampton-Court! Que magestade nas montanhas da Suissa! Que poesia nas margens do Loire! E os que ficaram, os que não viram aquellas coisas, esbogalham os olhos de puro espanto e sentem o verme da inveja remordel-os por não terem podido gozar tambem de tanta poesia. Loucos, que não comprehendem o viajar na sua terra, e ignoram que por todas essas provincias de Portugal espalhou o creador bellezas tão variadas como as que se vão ver lá fóra á custa de muito oiro e muita fadiga.

Mas voltemos ao Deste, que nasce não sei onde, passa ao pé da velha Braga, e antes de perder o nome no Ave rega com a sua lympha cristallina dois ou trez concelhos dos mais ricos do Minho, dando-lhes ao mesmo tempo poesia para corações novos e agua para os numerosos moinhos e vastos milheiraes. Foi nas suas margens que se passou em 1873 um triste caso d'amor, que eu ouvi da boca d'un abade por uma formosa tarde de maio.

* * *

Já tinha ha muito soado a meia noite. O fogueteiro de Villa Nova tinha soprado o morrão á ultima bomba real. A musica de Landim que não tem remedio senão passar á historia nos escritos do Camillo... e nos meus (vejam que modestia), a musica de Landim, pois, já tinha despejado os ultimos arrancos pelas horrorosas boccas dos seus serpentões, e só alguns ranchos mais atrazados se viam ainda descer o monte da Senhora do Carmo, cuja era a festa que n'aquelle hora terminava. Eram das ultimas as familias de Rosa da Silva e de Francisco da Ponte que, como morassem perto, menos pressa tinham tido em se recolherem a casa.

Rosa da Silva era a mais velha e a mais formosa de trez irmãs, que faziam o enlevo de quantos rapazes casadeiros havia por aquelles contornos. Forte de saude e de alegria, via-se-lhe transluzir no rosto o desejo de viver que

anima os que não provaram ainda o fel das amarguras d'este mundo. Cada uma das suas palavras, qualquer dos seus gestos, era como uma provocação ao prazer e á alegria; era como um doudejar de borboleta em fresca manhã de primavera. Morrera-lhe o paes havia alguns annos e com elle se lhe fôra o melhor amigo, porque a mãe, viuva aos trinta e cinco annos, não podia ver que a seu lado crescesse aquella flor fragrante e immaculada, que lhe empanava com o aroma o duvidoso viçar dos seus fructos outoniços. Já, para se ver livre d'ella, tentara casal-a com um rico brazileiro, feio como o proprio demonio e esphacelado pelas doenças; mas Rosa respondeu que antes queria fazer feliz com a sua modesta legitima um rapaz que ella estimasse, do que entregar-se nos braços d'un velho devasso, e assim se grolou o casamento com grande desgosto da mãe.

Francisco da Ponte, esse, era filho d'un velhote ainda verde, que fôra successivamente regedor, juiz eleito, membro da junta de parochia, e influente eleitoral na freguezia. Tantos cargos constitucionaes tinham introduzido no cerebro do bom velho uma certa dose de philosophia moderna, cujas bases elle resumia n'este aphorismo, que dia e noite atirava aos ouvidos dos seus filhos:

— Rapazes, o dinheiro é o rei do mundo!

Francisco ouvia a sentença paterna, mas dizia de si para si que, se o dinheiro era o rei do mundo, com certeza a Rosa era a rainha da formosura.

Como tinham nascido os amores de Rosa e Francisco não sei eu dizer. Um lençol que o Deste furtava, e que elle apanhou á custa de molhar as pernas e calças; um molho de milho trazido com tenção especial do carro cheio d'elle para o sitio onde ella esfolhava; uns cravos cós de fogo oferecidos em dia de S. Pedro, e outros pequenos nadas como estes, eis o que atiçou a chamma do amor n'aquelle dois corações. Ninguem pôde dizer como e quando nasce um amor. Apparece, e quando já tem muita vida, ainda os proprios que o sentem duvidam d'elle. O certo é que Rosa e Francisco amaram-se e tinham até então vivido essa vida ideal dos primeiros tempos do amor. Mas tanta felicidade não podia durar muito tempo, e uma nuvem negra parecia pairar por sobre aquelle prado em flor.

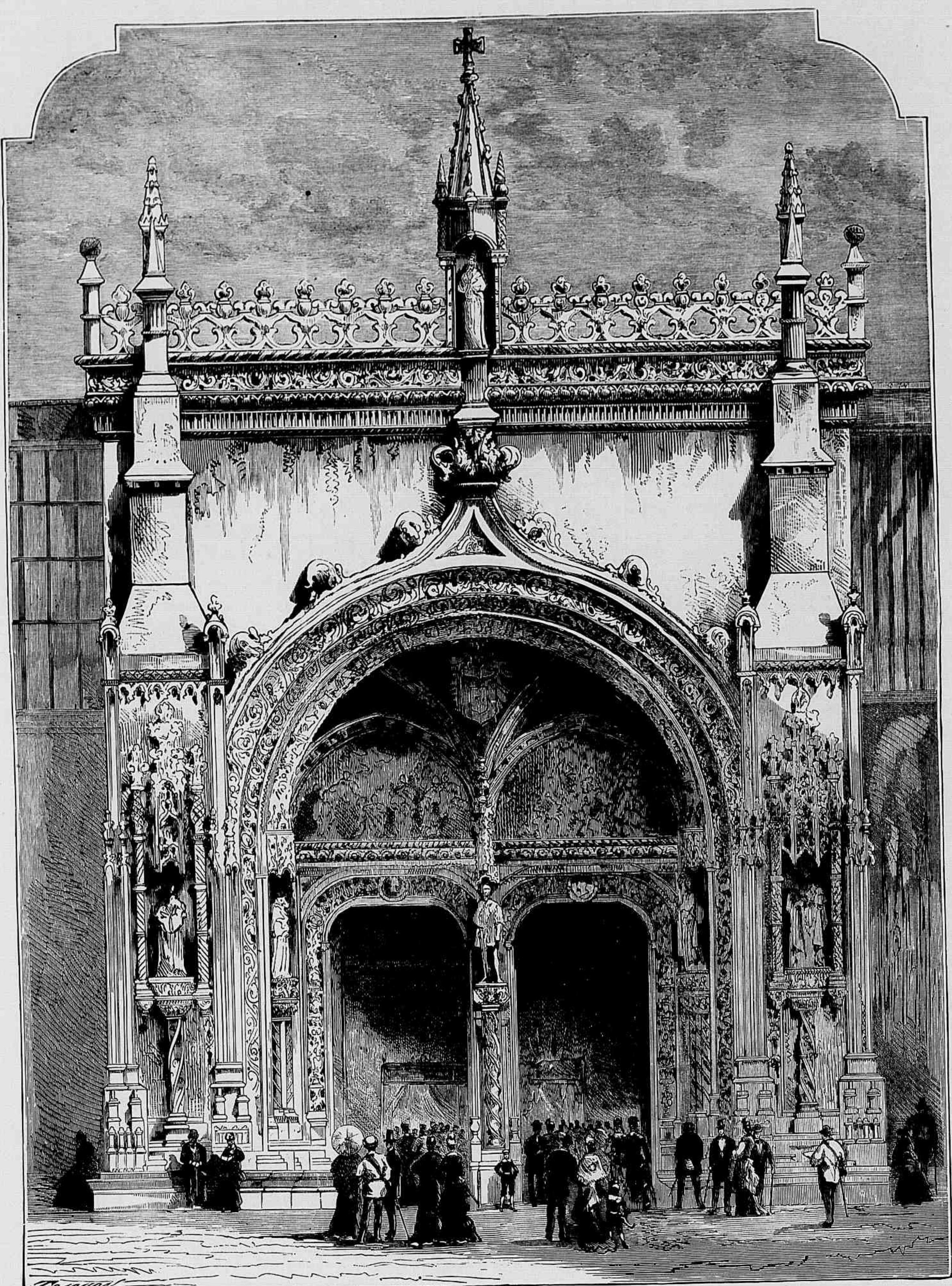
Por isso os dois á volta da romaria vinham tristes e calados, enquanto as respectivas familias exprimiam em ruidosas risadas os seus pensamentos alegres e folgasãos. Foi Rosa que rompeu o silencio.

— Olha, Francisco, disse ella, isto não tem jeito assim. Ha muito tempo que t'o tenho querido dizer, mas tenho tido vergonha. Agora não posso calar-me por mais tempo. A mãe não me pôde ver fallar para ti. Não sei o que se lhe metteu em cabeça... Mas a verdade é que cada vez me trata peior, diz-me a teu respeito coisas, que, não fosse ella minha mãe...

E aqui a pobre rapariga levou aos olhos o lenço em que se via bordada a retroz vermelho uma quadra da lavra do seu amante. Bem sabia ella qual era a causa do odio materno, mas sofreou a tempo a tempestade que lhe ia na alma, e o resto do queixume foram só lagrimas.

Francisco imaginou ser aquillo trovoada de maio e respondeu com uma vulgaridade:

— Não te afflijas, Rosa; não estragues os



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — FACHADA DA SECÇÃO PORTUGUEZA NO CAMPO DE MARTE



O PAVILHÃO DO PRÍNCIPE DE GALES NO DIA DA ABERTURA DA EXPOSIÇÃO

teus lindos olhos a chorar. Tu bem sabes que eu não quero a mais ninguem senão a ti, e se tua mãe embirra commigo, isso ha de lhe passar. O que eu quero é que tu sejas tão minha amiga como eu sou teu.

— Olha, queres que te diga a verdade? Não percebo que amor é esse teu, que pôde viver sozinho em quanto eu vivo n'um inferno. Porque não casamos nós? O que se ha de fazer ao tarde, faça-se já. Com o que eu tenho e com o nosso trabalho podemos viver felizes sem ser pezados a ninguem.

O filho do regedor não respondeu. O seu amor não tinha o ardor de Rosa, e o axioma paterno ressoava-lhe aos ouvidos. Era verdade o que dizia Rosa. A sofrível legitima paterna da rapariga e o trabalho d'ambos podiam dar-lhes vida feliz e sozinhada; mas Francisco queria esperar mais, a ver se um tio e padrinho d'elle, brasileiro e rico, largava com a vida alguns contos de reis, que eram toda a sua ambição. Por isso não respondeu logo. Durante este intervallo percebeu que a conversa entre seu pae e a mãe de Rosa, que ha pouco era toda de galhofa, se tinha tornado séria, e de vez em quando chegavam-lhe aos ouvidos estas palavras: *Engenheiro... mais dez centos... estrada de ferro... campo do moinho... Francisco...* Quiz diminuir o passo para ver em que entrava alli o seu nome, mas Rosa, que todo aquele tempo esperara uma resposta, puchou-lhe de chofre pela manga e disse-lhe:

— Não me respondes, Francisco? Desconfio bem que o teu amor acabou. Olha, no dia 24 é a romaria do Senhor dos Afflictos. Ha de ser o dia do meu desengano. Ou me dizes quando são os primeiros banhos, ou nunca mais te fallo, e queira Deus que a consciência te não venha a accusar de seres a causa da minha morte.

N'isto tinham chegado á porta da casa de Rosa. Despediram-se as duas familias e a mãe de Rosa recolheu-se com as filhas. Quando a mais velha antes de se deitar, ia a pedir a benção a sua mãe, esta olhou-a com semblante carregado e disse-lhe:

— Já te tenho pregado muito a respeito do Francisco. Bem sabes que é um doidivanas, que te não convém de forma alguma. Porque não has de ter juízo? Não são os seus lindos olhos que te hão de fazer feliz. Depois não te queixes. Adeus

Ia já a appaer o dia, e ainda Rosa estava encostada ao peitoril da sua janella com as lindas tranças castanhas em desalinho, e mostrando no pizado dos olhos quanto fôra o seu pranto durante aquellas duas ou trez horas de insomnio. Da sua janella, via-se, atravez da folhagem dos salgueiros e videiras, a fita branca do Deste, a pitoresca ponte de dois arcos, e perto d'ella a casa do seu amado. Já os primeiros melros despertavam nos ninhos, e Rosa abatida pelo scismar ia fechar a janella e recolher-se. Lançou um derradeiro olhar para a casa de Francisco, mas quando ia a deitar a mão á vidraça, sentio passos de quem subia a calçada. Escondeu-se rapidamente, e ouvio estas palavras que o ex-juiz eleito dirigia ao filho:

— Francisco, vamos para casa. Já te tenho pregado a razão. A filha é muito nova, ha de te dar muitos trabalhos e desgostos, e tem só trez contos de legitima. A mãe já não tem as doidices de criança, é muito mais rica, e agora com

o tal caminho de ferro, bem sabes... pensa n'isto. Olha que, se tu quizeres, amanhã és senhor d'esta casa e d'estes campos todos, e lembra-te que o *dinheiro é o rei do mundo*.

Foi o golpe mortal. A pobre creança, ao ouvir estes calculos infames, viu que não tinha adivinhado toda a verdade. A mãe não só lhe amava o dilecto da sua alma, mas até o queria para esposo.

Agora o fim d'esta historia é breve. Francisco era uma alma fraca. Cedeu, concorrendo muito para isso a historia do caminho de ferro, a que alludia o pae nas palavras que lhe ouvimos. Fôra o caso que a linha cortava uns campos da mãe de Rosa, e os delegados do governo, com a liberalidade que fez a fortuna de muitos pequenos lavradores do Minho, pagaram o terreno pelo triplo do valor. Augmentou assim de trez a quatro contos a fortuna da namorada quarentona, que teve o despejo de propor ao pae de Francisco o casamento com o filho. O velho philosopho rejubilou-se ao ver a fortuna coroar-lhe os desejos, e facilmente abalou as convicções do pobre rapaz.

No dia 24 de julho lêram-se os primeiros proclamas do casamento. Não amaldiçõem o moço nem o caminho de ferro, que este século é de luzes e oiro, e mal vae ao que se deixa levar por illusões e poesias.

E Rosa? Essa viveu ainda algum tempo para ver o espectaculo repellente dos amores da mãe com o seu Francisco. E depois, quando veio o outono, quando as devezas e soutos se esteiraram com as folhas caidas dos carvalhos e castanheiros, uma tarde foi encontrada morta junto á janella do seu quarto. Acharam-lhe no seio dois embrulhos: um era o ultimo cravo que tinha recebido de Francisco, o outro era um testamento cuja disposição unica era deixar a terça a seu padrasto!

O bom do abbade que me contou esta triste historia, pouco versado em coisas d'amor, terminou-a com estas palavras:

— Aquillo foi flato recolhido que levou a rapariga á sepultura.

Mas a leitora se sensibilisou com tamanha dôr, quando em disgressão pelo formoso Minho passar no entroncamento de Nine, fique na plata-forma enquanto o papá vae tomar cerveja. Nos intervallos dos silvos da locomotiva ouvirá o rumorejar dos salgueiros sobre as margens do Deste. Talvez algum rouxinol cante descuidado os seus passageiros amores, e lembre-se então a formosa leitora d'esta vítima do caminho de ferro, da pobre Rosa que morreu d'amor.

A FACHADA PORTUGUEZA

A fachada da secção portugueza no palacio do Campo de Marte, em Paris, é uma copia simplificada do portico da Igreja dos Jerónimos de Belém. É uma das mais admiradas, e que melhor efecto produzem.

Foi o sr. Leon Pascal, architecto da Biblioteca Nacional de Paris, quem dirigio esta construcção. No interior ha trez arcadas. A primeira é copiada do claustro de Belém. A segunda é copia fiel d'uma das arcadas do claustro do Convento da Batalha, e a terceira é tirada de varios edificios portuguezes. A imprensa francesa é unanime em tributar elogios á elegancia do

portico e ao acabado da execução. A nossa gravura, que é bastante má, apenas dá idéa da belleza d'aquelle joia architeconica. Os estrangeiros elogiam muito a copia, o que seria se vissem o original, que é um verdadeiro mimo de execução em pedra, e um trabalho em que os portuguezes nunca tiveram quem os excessasse.

O PAVILHÃO DO PRINCIPE DE GALLES

Este pavilhão, destinado especialmente para uso do principe de Galles e da commissão britannica de que elle é chefe, compõe-se de uma casa de jantar, um gabinete de toilette da princeza, um outro de descanço para o principe, isto alem de outros aposentos no primeiro andar. As paredes da casa de jantar são feitas de mosaico de madeira, e cobertas em parte com ricos tapetes representando varias scenas da celebre comedia de Shakespeare *Merry Wives of Windsor*. Deante de fogão está um outro representando o retrato da rainha Victoria. A louça de serviço é de uma das primeiras casas de Inglaterra (Minton), assim como a baixella de prati (Elkington). Os tapetes fôram feitos na Manufactura Real de Tapetes de Windsor.

HISTORIA D'UM CÃO VADIO

Depois que os cães pagam imposto, e adquiriram por isso foro de cidadãos, bom numero d'entre elles resolveram eximir-se aos encargos municipaes e viverem á custa do publico. É mais uma categoria de intransigentes. Vagam em bandos, explorando os enxurros, procurando algum bom bocado sumido nos monturos. É uma existencia aventurosa, que tem as suas tristezas e as suas alegrias. Magros, com o pello cheio de lama, esgueiram-se rente com os murros, famintos e envergonhados; e quando teem a fortuna de descobrir um osso succulento, n'algum monte de lixo, entendem-se ao sol, gozando com uma beatitude indolente, do calor suave que lhes penetra as entradas e estendendo o focinho com um gesto de indisível satisfação.

Muitas vezes me tenho entretido a estudar aquellas physionomias. Teem o ar atrevido, andrajoso e ironico dos garotos da rua. Quando não teem fome, mordem; mas se ainda não comoram, humilham-se e rastejam. Perderam decididamente o senso moral! repellem a civilisação, e a civilisação renega-os. Vivem de expedientes, são famintos e descarados, e recebem cynicamente uma cacetada a troco d'un naco de carne.

No fim de contas, confesso que sinto por elles uma certa sympathy. São vadios, mas são tambem philosophos e poetas. É certo que andam em guerra aberta com a sociedade: mas a sociedade é muito sólida para ter que temer d'uns pobres diabos de cães vadios, sempre embreditos nos seus sonhos e desdenhando profundamente dos reis e dos povos.

Tudo isto vem a propósito d'un caso historico, que passo a narrar. O caso infastoso foi-me contado hontem por um velho cão d'agoa, legado que me vem d'un tio avô, que ai de mim! não me deixou senão essa herança...

Aqueciamo-nos ambos diante do fogão, contemplando tristemente as cinzas esbraseadas.

Tom (é o cão d'agua) tornou-se de repente expansivo : « Ah! que bello lume, exclamou elle, e como me aviva lembrâcas apagadas! Vou contar-lhe uma historia, meu caro dono, uma historia da minha mocidade. »

I

Tinha eu por esse tempo um anno de idade, e era realmente o cão mais ingenuo que se pôde imaginar. A mocidade é presumpçosa; e quanto mais presume de si mais imprudencias commette.

Meu dono estimava-me muito. Nada me faltava : dormia sobre um tapete, que valia a melhor das camas, e ao almoço, ao jantar, carne fresca á discripção. Torrões de assucar, continuamente. Confesso até que acabei por enjoar o assucar, e se continuava a engolir os meus torrõesinhos, era sómente para não desgostar aquelle excellente homem, que m'os offerecia com tão boa vontade...

Pois, com tudo isto, não me julgava feliz! Atormentava-me um desejo, uma idéa fixa : a rua, a liberdade da rua tal era o meu sonho. Os carinhos domesticos pareciam-me insípidos, enjoava-me aquelle conforto constante; o excesso de bem estar tornava-se para mim um verdadeiro tormento!

A minha unica distracção era pôr-me á janela, quando succedia estar aberta, e observar o que se passava na rua. Foi d'este modo que vi um dia uma scena, cuja impressão foi decisiva na minha vida. Quatro cães brigavam no meio da rua. Magnifico espectaculo! Magros, mas com aquelle ar altivo que dá a liberdade e a bravura, ladravam alegremente saltando uns sobre os outros, rolavam mordendo-se, tomndo attitudes heroicas. Possuido de entusiasmo, puz-me a ladrar tão freneticamente, que fôram precisos não sei quantos torrões de assucar para me fazer calar.

Esta impressão foi decisiva : a minha vocaçao acabava de me ser revelada. Só seria feliz quando tivesse transposto aquella maldita porta, sempre tão cuidadosamente fechada. Tomei a resolução de fugir. A existencia livre, o desconhecido atraíam-me irresistivelmente.

Um dia, em que tinham deixado aberta a porta, escapei-me, descia d'um pulo as escadas, e eis-me no meio da rua!

II

Como a rua me pareceu bella! Corriam-lhe, d'um lado e outro, largos enxurros, que exhalavam aromas deliciosos. A lama, em que me enterrava, correndo, parecia-me macia como veludo. Era tepida e pegava-se-me ao pello, unctuosa, como uma caricia. O sol, brilhante e quente, penetrava todo o meu ser com uma satisfação desmedida.

Devo todavia confessar que tremia de susto, no meio d'esta satisfação. Havia uma especie de assombro misturado com a alegria e a admiraçao que sentia. Trez cães, que saltavam no meio da lama, correram sobre mim, ladrando, o que me causou tal susto, que estive a ponto de desmaiar. Chamaram-me tolo, dizendo que era por brincadeira. Puz-me então a ladrar como elles, a esfregar-me na lama, e a brincar de mil feitos divertidissimos com os meus novo camaradas.

Eram uns grandes patuscos. Magrissimos,

uma coisa que muito os divertia era verem-me rolar pesadamente, como uma bola de gordura. Contei-lhes ingenuamente a minha simples historia, e notei que, ao ouvir-a, trocavam entre si olhares de compaixão.

Um dos do bando, um velho mastim, pareceu interessar-se particularmente por mim. Offereceu-se-me como guia e preceptor, o que accetei gostosamente.

Começava para mim uma nova existencia, bem diferente do monotonio e tedioso conforto que conhecera até então. Bebi no enxurro,* e declarei não ter nunca provado nectar igual. Tudo me parecia bom, bello, excellente. Conhecia emfim a felicidade perfeita, o ideal que consiste em viver no meio da rua, livrement, ladrando á vontade e quando nos apraz.

Aconteceu passar uma cadella, uma cadella formosissima, cuja vista despertou em mim um sentimento desconhecido. Até então só em sonhos ne fôra dado contemplar estas criaturas encantadoras, que fazem perder o juizo aos cães mais assizados. Precipitamo-nos ao encontro da formosa recem-chegada, eu e os meus quatro companheiros. Dispunha-me, adiantando-me, a fazer-lhe os meus cumprimentos, quando senti uma formidavel dentada nos pescoco. Virei-me, e vi com raiva que era um dos meus novos amigos. Soltei um grito de dôr e desespero...

— Não taça caso, disse o velho mastim, ironicamente : isto é apenas o panno da amostra!

III

Havia já bastante tempo que caminhavamos assim, uns atraç dos outros, e eu começava a sentir fome.

— O que é que se come na rua? perguntei ao amigo mastim.

— Come-se o que se encontra, respondeu elle sentenciosamente.

Esta resposta atrapalhou-me um tanto, pois nada achava, por mais que procurasse. Eis senão quando descubro, do outro lado da rua, uma loja muito acciada, toda cheia de carne fresca, cortada em bocados de varios tamanhos...

— É aqui que hei de almoçar, disse eu comigo ingenuamente.

E saltei, sem mais demora, sobre uma meza de marmore, que estava mesmo ao pé da porta. Agarrei sofregamente um naco de carne e dispunha-me a safar-me, quando, um rapaz da loja, que tinha um grande avental branco, me atirou tamanha bordoadas, que por pouco não fiquei ali estendido. Larguei a carne e deitei a fugir, ganindo desesperadamente.

— É preciso ser bem novato! exclamou o mastim, reprehendendo-me. Pois não sabe que a carne, que está á porta dos açouques, é para ver e não para tocar? ora vá aprendendo á sua custa!

O meu espanto era igual á minha dôr.

— Como assim! dizia eu commigo mesmo : pois a carne, que se encontra nas ruas, não pertence de direito aos cães? Então para que a põem ali, á vista, a tentar quem passa? É indigno! O meu estomago participá d'esta justa indignação. Começava deveras a sentir fome. A agua do enxurro descia decididamente no meu conceito : achava-a agora pouco limpida e ain-
da menos substancial. Procurava na lama, fa-

rejando, mas em vão. Nem um osso, nem uma côdea de pão, nada!

O mastim prevenio-me caridosamente que só achariamos alguma coisa de comer á noite, á hora em que se despeja o lixo diante das portas. Á noite!... E o velho cão vadio dizia isto serenamente, com um ar de indiferença philosophica, em quanto que só a idéa de ter de esperar até á noite me enchia a mim de desespero.

Mas, de repente, o meu companheiro começou a tremer. Agachou-se, encolheu-se, e foi-se esgueirando rente com os muros, dizendo-me baixinho qua o seguisse. Assim caminhámos um bom bocado, até que encontrâmos uma porta aberta, onde nos escondemos. O mastim, quando se vio a salvo, virou-se para mim, e perguntou-me :

— Vio aquelle homem, que trazia uma espada?

— Vi, sim.

— Pois saiba que, se elle nos tivesse lobrigado, prendia-nos e antes de anoitecer estariamos ambos enforcados!

— Enforcados! exclamei eu. Mas então a rua não nos pertence! a liberdade da rua é uma illusão! Morre-se de fome e ainda por cima é-se enforcado!

IV

Entretando, tinha caído a noite. Começou a chover, uma chuvinha meuda e penetrante, sacudida pelo vento, que soprava d'um modo sinistro. Meu Deus! como a rua me pareceu feia, então! tudo lama, tudo frio, tudo escuridão! invadio-me uma grande tristeza, lembrando-me com saudade, com amarga saudade, da minha cama de tapete e dos quatro muros tão abrigados, tão confortaveis da minha prisão...

Começaram a despejar o lixo diante das portas, e eu corria d'um monturo para o outro, faminto e desesperado, procurando alguma coisa que me pudesse servir de ceia. Achei por fim um osso, já velho e todo cheio de cinza, e tive de me contentar com elle, suspirando a cada instante ao lembrar-medos nacos de carne fresca que havia em casa. E os torrões de assucar! só então comprehendi verdadeiramente quanto o assucar é doce...

Quanto ao amigo mastim, dir-se-hia que estava no seu elemento no meio d'aquellas imundicias. Examinava cuidadosamente, com interesse de artista, todas os montes de lixo. Fez-me correr toda a noite de rua em rua, sem lhe escapar um só monturo. Eu não podia já commigo, de cansado. Molhado até aos ossos, tremia convulsivamente e mal me sustinha de pé. E assim passámos a noite, patinhandos nos enxurros, cheios de lama, extenuados. Ah! como eu amaldiçoava agora a rua e a sua perfida liberdade, e fazia votos ardentes por voltar á antiga escravidão!

Sobre a madrugada, o mastim, vendo-me cambalear, perguntou-me :

— Então que tal lhe parece a bella vida da rua? Deve estar satisfeito com esta experiença...

— Satisfeitissimo!

— Talvez não desgotasse de voltar para sua casa? — Oh! quem dêra! Mas como hei de eu agora encontrar a casa?

— Venha commigo. A lição foi dura e deve bastar-lhe. Hontem, quando o vi sair, compre-





A ROMEIRA DE ARMINHO

QUADRO DE G. A. STOREY

hendi immediatamente que um pobre tótó da sua especie não poderia resistir por muito tempo ás fortes commoções da vida independente. Tomei nota da sua casa e vou acompanhá-lo até á porta.

Dizia isto com a maior simplicidade, aquelle excellente cão! eu seguia-o cabisbaixo, humilhado, mas interiormente satisfeito.

— Adeus, disse-me elle, sem manifestar, a menor commoção, quando chegámos á porta.

— Oh! não! exclamei eu, enternecido: não podemos separar-nos assim! venha commigo. Dormiremos na mesma cama, comeremos no mesmo prato. Meu dono é um excellente homem...

— Cale-se d'ahi, interrompeu elle bruscamente: parece mesmo uma criança! Seu dono, quando me visse entrar, punha-me na rua aos pontapés, e tinha razão. Um cão vadio, olhem que bello presente! tenho vivido no meio de monturos, sobre um monturo acabarei. Adeus!

E foi sosegadamente deitar-se ao sol.

Meu dono, assim que me viu entrar, pegou n'um chicote e applicou-me uma tareia, que recebi com intima satisfação. É tão agradável levar pencadas da mesma mão que nos dá de comer! Gania por habito, mas em quanto gania lembrava-me com delicias da boa posta de carne e dos torrões de assucar, que me esperavam...

A moral d'este conto, concluiu Tom sentenciosamente, conchegando-se diante do fogão, é que a felicidade perfeita, o ideal consiste em estar prezo e levar pancada, n'um quarto agazalhado, onde ha postas de carne e torrões de assucar.

Esta moral, já se vê, applica-se só ao cães.

EMILIO ZOLA

A ROMEIRA DE ARMINHO

Não precisa de commentario este bello quadro. O arminho é o symbolo da pureza. Não comprehendemos, por isso, o que signifique no manto dos reis, a não ser que esteja ali como um reproche mudo ou uma ironia. Mas cobrindo um scio innocent e plácido, fazendo sobressair o brilho d'uns olhos leaes e profundos na sua candidez, está no seu lugar e desempenha a sua função natural. Exprimir um pensamento verdadeiro e universal, por uma forma simples e coquinhita, é certamente o triumpho da arte.

UM PORTEIRO DO PAPA

É possivel que haja homens perfeitamente felizes n'este mundo desgraçado: confesso que ainda não encontrei um só. Dou razão a Metastasio, quando affirma serem as apparencias da felicidade sempre enganadoras, e que a felicidade dos homens se reduz a parecerem felizes.

... si reduce
a parer a noi felici
ogni lor felicita.

Quero, porém, ser justo, quanto possivel, com a sorte.

Esquadrinhando as minhas recordações, acabei por descobrir uma existencia singular, excepto unica á regra commun. É o porteiro do seminario do Vaticano.

Levára-me uma pesquisa importante nos archivos da igreja de São Pedro. Entrei na sachristia e pedi para fallar ao archivista. Offerceu-se-me um sachristão para me conduzir. Atravessámos um vasto pateo e entrámos depois no vestibulo do seminario. Foi ali que encontrei aquelle porteiro bemaventurado.

Era um homem que parecia ter de 60 a 65 annos. Vestia d'um panno ordinario, talhado pelo modelo dos trajes burguezes da Idade-Média. O seu aspecto era o de quem nunca conheceu riso nem lagrimas. Não havia na sua physionomia vestigio algum de paixões calcadas ou satisfeitas: era p' feitamente serena, como a imagem de São Pedro, o porteiro do Paraíso. Este placido ancião habitava um cubiculo, em guiza de cella de carmelita. Pelas paredes, pintadas a fresco, viam-se retratos de varios papas illustres e do Cardeal-Governador: nos intervallos, sentenças selectas dos padres da Igreja, em molduras com tiras de papel doirado. O leito ocupava o fundo d'uma alcova, modesto, e coberto com uma colcha de ramagens encarnadas. A unica companhia do porteiro era um magnifico gato malzez, que parecia tambem plenamente convencido da felicidade da sua condição, e que entreteinha as suas horas de ocio passeando pelos telhados construidos por Bramante e Miguel Angelo.

No momento em que entrei, o porteiro entreteinha-se assagando a gato.

— Desculpe-me incomodá-lo, disse eu, comprimentando-o como nunca porteiro foi comprimentado: desejava fallar a Sua Reverendissima, o sr. Archivista.

Olhou-me attentamente, depoz o gato sobre uma cadeira e respondeu com uma inflexão de voz vagaroza e cheia de harmonia:

— Ao sr. Archivista! Ah! vou saber se está visivel. Queira demorar-se um instantinho.

Inclinei-me e assaguei o gato do Papa, fortuna rara e que, segundo creio, nenhum outro viajante teve ainda...

Em quanto esperava, puz-me a examinar o local. Encontrei aberta a porta do jardim e entrei. Estava mal tratado, mas ficava-lhe bem aquelle desalinho. As laranjeiras crescam livremente e as laranjas, que ninguem colhia, alastravam o chão, no meio da relva. Pareceu-me que não havia sacrilegio em provar algumas, mas achei-as todas acidas como limões. Felizmente que encontrei, sem sair do jardim, uma fonte, modesta e pouco rumorosa, mas cuja agua pontifical merecia ser conduzida em triumpho sobre um aqueducto. Causou-me um prazer singular este jardim. Este desdem pela cultura, estas arvores crescendo livremente, esta relva espessa, com o seu mosaico natural de laranjas, estes muros revestidos de hera, esta fonte musgosa e humilde, esta opulenta vegetação selvagem no meio dos marmores da Roma pontifical, como um bello mendigo transtevenino, que trajasse um manto de brocado, todas estas singularidades da paisagem fazem scismar o transeunte, scismar sem saber porque, como succede aos viajantes.

O porteiro veio encontrar-me sentado sobre um degrau da fonte, com uma laranja verde na mão. Dirigio-se para mim lentamente, sem

me indicar por gesto ou movimento de cabeça o que tinha a transmittir-me. Quando chegou ao pé de mim, disse-me:

— O sr. Archivista está doente não é possivel fallar-lhe hoje. Tenha a bondade de vir amanhã...

— Mas é que eu parto esta tarde para Civita-Veccchia! se é possivel, desejo fallar ainda hoje ao sr. Sub-Archivista.

Pareceu admirado da minha vivacidade e a sua physionomia esteve quasi a exprimir, pela primeira vez, um sentimento. Considerou-me um momento e respondeu com aquella voz placida e harmoniosa, que lhe era habitual:

— O sr. Sub-Archivista saio, foi a *Bergo Nuovo*; não estará de volta antes da vinte e tres horas, *alle venti e tre*.

— Pois bem, volvi eu, esperarei até ás vinte e tres. Estou aqui perfeitamente. Não o incomodo?

— O sr. é francez?

— Para o servir.

— Ah! tenho ouvido fallar da sua nação. Os franceses tiveram um imperador pagão.

— Pagão? está enganado.

— Sim, sim, pagão. Fez muito mal ao Santo Padre.

— Pois lembra-se d'isso?

— Se me lembro! ha mais de 40 annos que sou *San-Pietrino*.

Esta expressão, que é intraduzivel, designa perfeitamente uma das mais singulares profissões, que existem em Italia. Chamam-se *San-Pietrini* todos os empregados d'esse vasto labirinto christão, que tem por nome São Pedro de Roma. Ha *San-Pietrini* que nunca saíram d'aquelle immenso edificio, que ali vivem e morrem como os marinheiros a bordo dos seus navios.

Segue-se, em Roma, a carreira de *San-Pietrino* quando se não sabe ser outra coisa, e quando se tem boas protecções e bons certificados de costumes.

— Quarenta annos! exclamei eu. Á vista d'isso, nunca teve outro emprego?

— Nunca. Meu pae era *San-Pietrino*, na *girandola*, e minha mãe *San-Pietrina*, para varrer o tumulo do papa Paulo Borghese. São Pedro é a minha casa paterna.

— E nunca sae d'aqui?

— Nunca. Que tenho eu que fazer lá fórá?

— Tem razão. Quem vive aqui, no vestibulo do Paraíso, não precisa sair. Mas, entretanto, sempre conhece Roma?

— Conheço. Tenho-a visto algumas vezes. Lá de cima do zimbório, vê-se muito bem.

— E como se entretem aqui.

— Oh! levo uma vida santa. Oiço missa todos os dias. Vejo passar as procissões. Toco o sino grande, nos dias santos. Às vezes, quando o Santo Padre sáe, vejo-o passar. Elle conhece-me e deita-me a sua bênção: em certas occasões manda-me dar alguns escudos. É um santo.

— E que faz d'esse dinheiro?

— Eu nada. Não preciso de dinheiro para coisa nenhuma. Como do que sobeja lá em cima: bebo agua d'esta fonte, que é a melhor de Roma, e não deito fato novo senão de vinte e cinco em vinte e cinco annos, pelos jubileus...

— E nunca se lembrou de casar?

— Casar? bem se vê que o sr. é francez!.. Tinha que ver um porteiro do Vaticano casado!

— Desculpe... sou estrangeiro, não conheço os costumes... De modo que se considera homem feliz, perfeitamente feliz?

— Não percebo o que o sr. quer dizer.

— Digo que me parece viver contente com a sua sorte.

— Pois quem é que não vive contente com a sua sorte!

— Ora essa! ha muita gente que vive descontente e se considera infeliz.

— Pois offendem gravemente a Deus.

— Não digo o contrario, mas é certo que ha gente assim... e qual é a sua sociedade? tem amigos?

— Desculpe, mas não percebo bem...

— Valha-me Deus! estou talvez a fazer-lhe perguntas indiscretas... Mas esta será a ultima: não tem aspirações? Qual é a coisa que mais ardente mente deseja?

— Ir para o céu.

— Sim, na outra vida... mas n'esta?

— Uma missa, pelo descanso da minha alma, dita pelo Santo Padre, na Capella Paulina, no dia da minha morte.

— É toda a sua ambição?

— E já não é pequena, para um pobre portero, como eu.

— Não deseja mais nada?

— Mais nada.

N'este momento, um seminarista desceu rapidamente a escada e veio dizer-me que podia visitar os archivos, que estavam á minha disposição. Segui-o e fui introduzido n'uma galeria, disposta em forma de biblioteca, de cujas janelas se avistam, a pequena distancia, os flancos gigantescos da prodigiosa basílica.

Encontrei ali dois *abatti*, que me receberam com aquella cortezia romana, que é proverbial, e que obsequiosamente se encarregaram de fazer nos archivos as pequiza s que me interessavam.

Voltando da biblioteca, encontrei outra vez o portero; passeava no seu jardim, sereno como o primeiro homem no Eden, antes do pecado; cantarolava pausadamente um versículo d'um psalmo, interropendo-se de vez em quando para arrancar uma ou outra folha secca, que se destacava no meio da verdura das laranjeiras. Dirigi-me a elle, para lhe agradecer e dizer-lhe adeus: correspondeu com um gesto afectuoso, mas sem mostrar desejo de continuar a conversação interrompida. Tinha-me já esquecido: fizera-lhe menos impressão do que uma folha secca no meio da verdura da primavera.

Disse já alguém que todos os homens são philosophos, cada qual a seu modo. Pois se é assim, este portero parece-me ter escolhido a melhor das philosophias. Atravessou a vida sem ter conhecido os dissabores, as inquietações, as amarguras, que acompanham as outras existências. A sua felicidade não consiste simplesmente na ausencia de infortunios, mas n'uma serie não interrompida de gozos intimos, que se sucedem placidamente no seu coração. Tem consciencia, a cada instante, da beatitude que o innunda. É para elle e para elle só que brilha o sol de Roma, que corre a fonte murmurando, que floresce a laranjeira e que Miguel Angelo ergueu a quatro centos pés de altura a cupula audaciosa de São Pedro. É o unico homem no universo que tem todas as suas paixões, os seus caprichos, os seus devaneios continuamente ao alcance da vista, quasi ao alcance da mão. E não se diga que é esta uma felici-

dade vulgar e monoton a. Não, é uma felicidade profunda, e tanto maior quanto lhe não deixa tempo nem desperta desejo de a submeter á fria analyse, que desillude e mata. N'uma palavra, este homem é tão feliz, tão completamente feliz, que pôde sem susto encarar de fito a vida futura, e, sentado no seu banco de portero, ver distintamente, no paraizo, o logar luminoso que lhe está reservado para sempre. Se eu tivesse a honra de ser *San-Pietrino*, não desejaria maior fortuna de que ser o sucessor do portero de Vaticano.

COMO AS MENINAS

Rimo-nos da pobre pretinha, que, para fazer como as amas, se enfarinhava com pó de arroz, e sorri extasiada para a imagem carnavalesca que o espelho lhe reproduz — e não consideramos que esta pretinha é o symbolo fiel da nossa pobre vaidade humana, sempre inquieta por parecer o que não é, enfarinhando-se continuamente com o pó de arroz de mil pretensões exorbitantes, e mirando enlevada, no espelho da propria complacencia, uma imagem grotesca, que lhe sorri fascinadora como um modelo de perfeições. Pois é assim. O enfarinhamento é universal; e não é na pelle dos pretos qua mais sobresaem, podem crê-lo, os aspectos burlescos da grande mascarada humana. N'esta comedia do carnaval das vaidades, o homem branco, o civilizado, representa os primeiros papeis. Filho das raças superiores, é superiormente vaidoso — e talvez se resuma n'isto toda a sua superioridade. Como quer que seja, a vaidade da pretinha parece-nos ainda assim, e comparativamente, das mais inocentes. Desfarçar a cõr da cara é certamente faltar ao repto devido á madre natureza, que lá teve as suas razões para fazer uns brancos e outros pretos: mas o que é isto ao pé da pretensão de desfarçar a cõr dos pensamentos e dos sentimentos, sim, a cõr das almas e das consciencias? Ora, n'este nosso mundo civilizado, onde ha pó de arroz para todos os gostos, todas as idades e condições, quantas almas, quantas consciencias permanentemente enfarinhadas!

A CONDESSA LAMBERTINI

Um novo acto do drama judicario, que se prosegue perante os tribunaes italianos, chama outra vez a attenção do publico sobre o nome d'esta mulher, que, já agora, tem de pertencer á historia. Quer os tribunaes reconheçam ou não a condessa Lambertini como filha e herdeira do cardenal Antonelli, o effeito moral d'este processo, com as revelações que o acompanham, não pôde desgraçadamente ser apagado. É um escândalo, que todo os sinceros amigos da religião devem depolar, mas que em todo o caso tem de constituir uma pagina historica.

BAZAR ORIENTAL

O Oriente é o paiz dilecto do pittoresco. Edifícios, vestuarios, moveis, costumes, physionomias, tudo ali tem um cunho de originalidade, de graça e harmonia espontaneas, a que não atinge, em despeito dos seus recursos poderosos e quasi inexauríveis, a nossa civilisação occidental, sabia e intelligente, mas fria, monoton a, vulgar. O que são, no ponto de vista do pittoresco, os nossos mais sumptuosos armazens, os celebrados do Louvre de Paris, por exemplo, ou os da casa Stewart em Nova York, comparados com qualquer bazar oriental? Pouco mais ou menos, o que é uma fina e correcta gravura ingleza comparada com o colorido quente e rico d'um quadro de Rubens. E preciso confessal-o: a nossa civilisação, talvez pelo proprio excesso de saber e perfeição perdeu completamente o dom da originalidade. E desesperadoramente

monoton a e banal. Chegámos, por excesso de civilisação, a este extremo deplorável de sentirmos o que se pôde chamar a nostalgia do primitivo, do ingenuo e até do barbário! E por isso que a multidão curiosa dos parisienses, enjoada já das maravilhas banais da sua celebrada arte industrial, se apinha em volta do Bazar Argelino, onde aquelle não sei que mysterioso, que se chama originalidade, tem o poder de lhe despertar a imaginação arrefecida, *blasée*. Os filhos da mais sabia e requintada das civilisações surprehendem-se a admirar e invejar os dotes criadores das raças semi-barbaras! Singular phenomeno este! dirse-ha que a natureza, no sistema harmonico das suas leis marcou um limite fatal ao aperfeiçoamento humano, alem do qual cada novo progresso tem de ser compensado, ou se quizerem expiado, com a perda irreparavel das faculdades mais preciosas.

A VIAGEM AO FIM DO MUNDO

Tinha nove annos, era senhor d'umas boas pernas e de uma má cabeça, e possuidor de uma bolsa com um tostão dentro. Já me não lembro do crime que commetti; ou comi os doces que estavam na prateleira ou batí em minha irmã. Seja como fôr, esse crime devia de ser grande, porque meu pae atou-me o pé a uma meza, e depois, ali mesmo, com as janelas abertas, exposto ao riso dos meus camara das deu-me trez palmatoadas no sitio em que tinha por costume sentar-me.

Acabada a penitencia, levantei-me furioso, e disse: « Vou-me embora! »

— Vae-te! disse meu pae. Não serves para nada, o que sabes é fazer chorar a tua mãe todos os dias. É até uma felicidade para nós, vermos livres d'uma peça como tu.

— Adeus! disse eu.

— Adeus, respondeu meu pae.

Julguei que me não deixariam sair. Meu pae fez um signal aos criados, e as portas abriram-se de par em par adiante de mim. Saí um pouco atarantado pela aventura.

Quando cheguei ao fim da rua, voltei a cara para ver se corriam atraz de mim: não vi ninguem. Estive vae não vae para voltar para traz; por vergonha não o fiz.

« E o mesmo! disse eu comigo, vou correr mundo. Hão de chorar por me não tornarem a ver, e hão de desesperar-se com isso; hei de ensinal-os a pôrem-me de castigo. Ora, até gosto de estar livre. Já ha muito tempo que estou com vontade de ir ver pôr o sol atraz da serra. Sempre quero ver como se põe o sol! »

A casa em que morava a ama que me tinha criado ficava na extremidade da aldêa. Entrei; Anna a minha irmã de leite, era muito pequena, e estava a coser ao pé da cama do irmão-sítio mais novo. Logo que me vio, largou depressa o trabalho e atirou-se-me ao pescoço.

— Queres vir comigo? perguntei-lhe eu.

— Quero, sim, disse-me ella; mas aonde, á floresta?

— Muito mais longe!

— Ao tanque dos salgueiros?

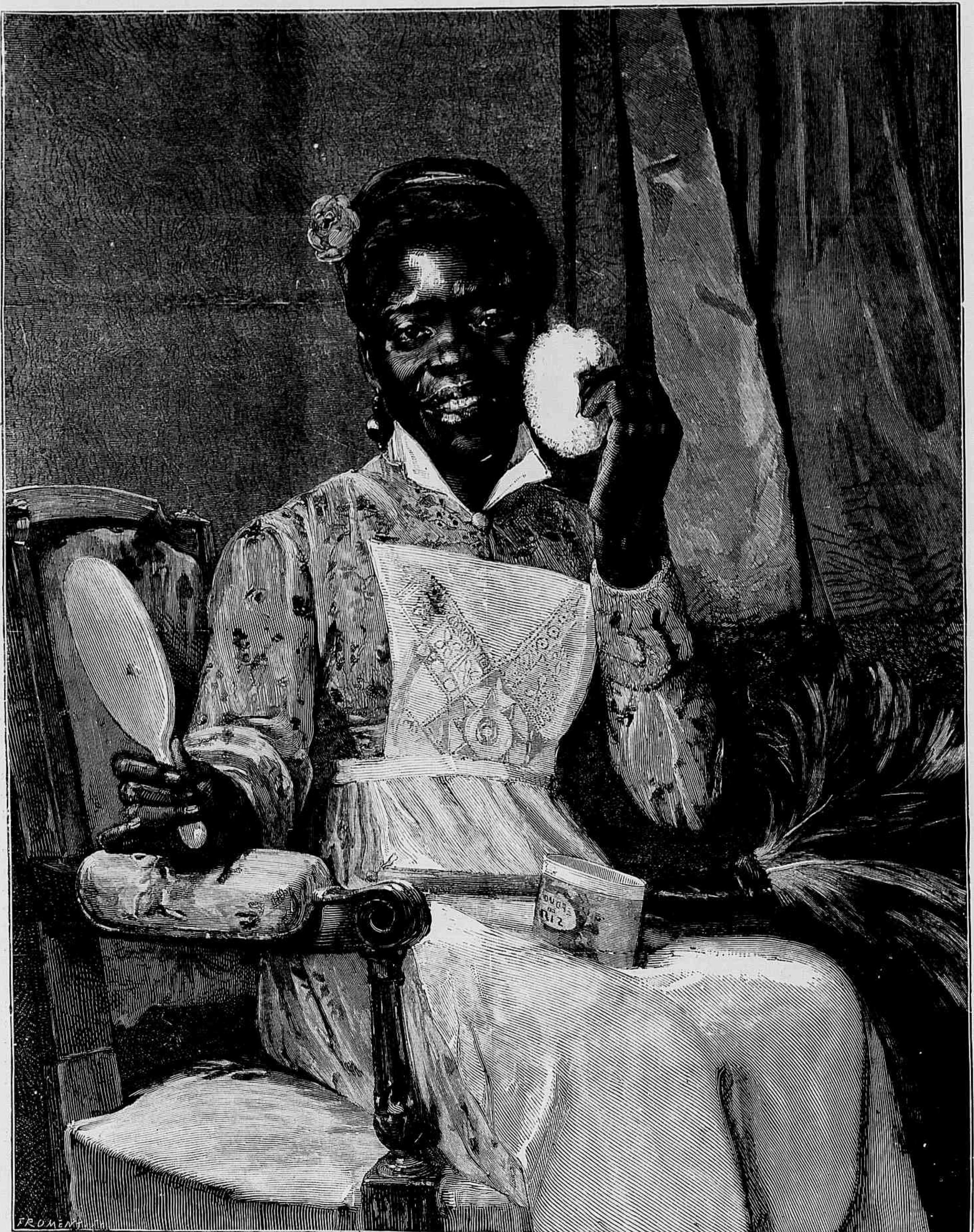
— Ainda mais longe: vou fazer uma viagem muito grande,

— Sósinho?

— Só, não, se tu vieres comigo.

— Mas a final, continuou a Anninha, has de me dizer aonde vás.

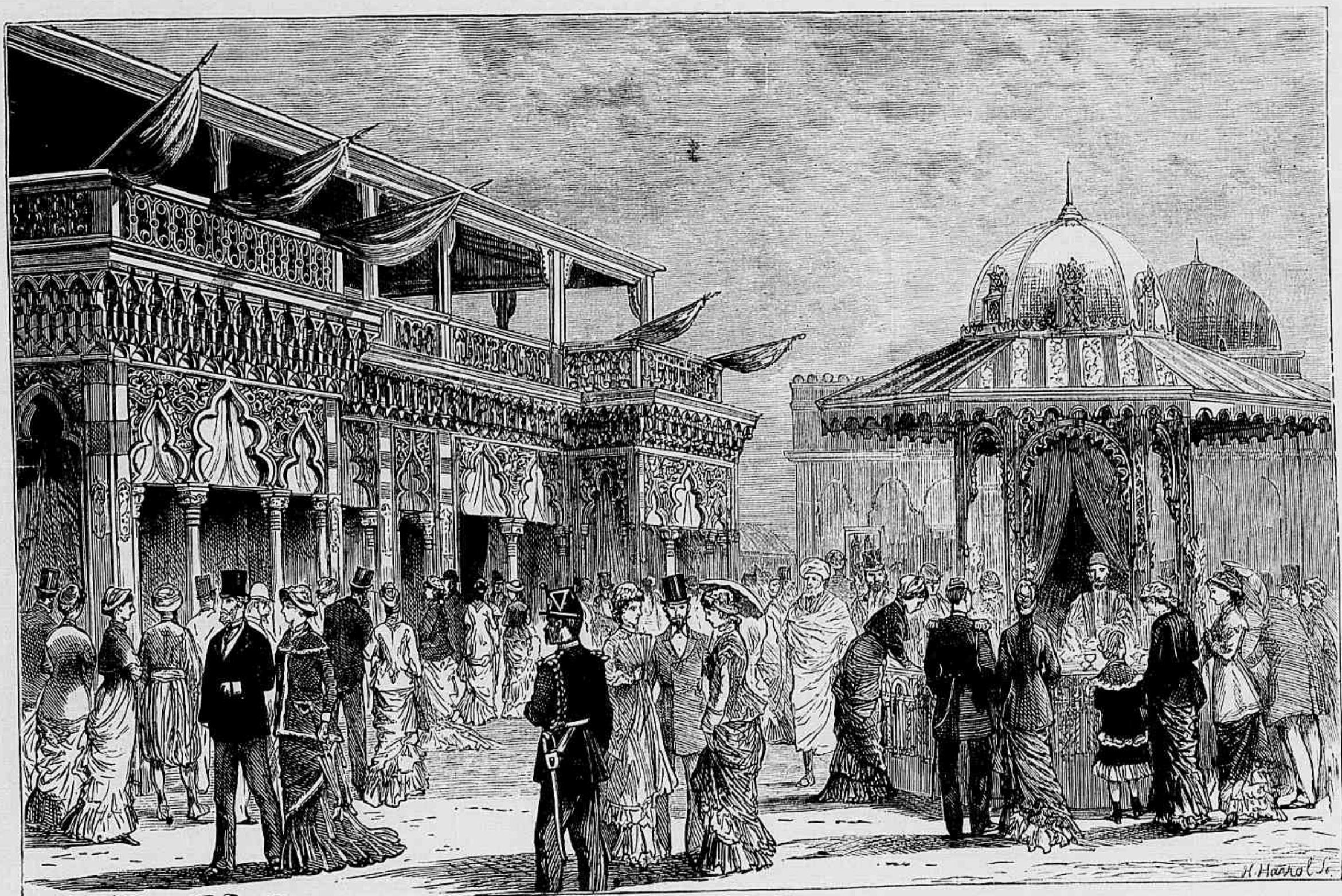
— Vou até ao fim do mundo!



COMO AS MENINAS
QUADRO DE S. JACOB (Segundo uma photographia de Goupil).



A CONDESSA LAMBERTINI



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL — BAZAR ORIENTAL

— Mas onde fica isso, o fim do mundo?
— Julgo que fica ali a traz da serra, no sitio onde se põe o sol.
— E depois em lá chegando não voltamos!
Anninha olhou para mim muito triste.
— E minha mãe, disse ella?
— Pois então, se gostas mais da tua mãe do que de mim, fica : eu cá, vou. Adeus!

E parti.

Tinha apenas andado uns cincuenta passos, quando Anninha, vermelha como um pimentão, estava ao meu lado. Pobre criança, como tinha corrido!..

— Então, disse-lhe eu, sempre te resolves a vir comigo?

— Isso não, respondeu-me ella a chorar, minha mãe batia-me; e é que também não quero deixar o manosinho que está a dormir. Podia accordar e não achar ninguem! Sou muito tua amiga, mas não vou contigo.

— Então para que vieste a traz de mim?

Ficou calada por um pedaço.

— Toma, disse-me ella, pega lá!

E estendia-me a mão a chorar.

— Fiquei a pensar, disse Anninha, que tu partias sem dinheiro; trago-te o que tenho : é para te ajudar a fazer a viagem.

Olhei, era uma moeda de dez reis!

Esta prova d'amizade de Anninha enterneceu-me profundamente; tirei da algibeira o meu tostão.

— Ouve, minha boa irmã, disse-lhe eu, tua mãe é pobre, e os meus pais são ricos. Toma lá este tostão para comprares um vestido.

— E a viagem!

— Ah! a viagem!.. já estou um pouco cansado. Queres sentar-te comigo ali em cima da relva?

— Pois sim, mas has de me prometter de voltar comigo.

— Has de me dar um beijo.

— Quantos tu quizeres!

Fui com ella para debaixo das arvores, logo ao voltar da estrada. Estavamos sós. O beijo que ella me deu fez-me chorar.

Estás a chorar, disse-me Anninha, Por que é que choras?

— É por não ir contigo até ao fim do mundo!

— Ah! deixa estar, havemos de ir quando formos crescidos, muito crescidos, respondeu-me ella.

Dei-lhe outro beijo : nunca me tinha sentido tão feliz.

Á noite, quando entrei em casa, meu pai castigou-me; não merecia : a Anninha pôde dizer-o.

X...

REVISTA BIBLIOGRAPHICA

A la memoria del insigne historiador y poeta portugués Alejandro Herculano por GASPAR NÚÑEZ DE ARCE.

Abrimos uma exceção n'esta revista, dando conta de um trabalho litterario estrangeiro, porque é destinado a celebrar uma gloria nacional.

O notável poeta hespanhol sr. Nuñez de Arce consagrava á memoria de Alexandre Herculano uma poesia de formas classicas. É uma elegia suave, que o poeta considera como um tributo e uma homenagem da Hespanha ao genio litterario do nosso primeiro historiador. Como peninsular, Herculano, na opinião do poeta, espalha alguns raios da sua gloria sobre o fecundo solo hespanhol. A aspiração poetica do author

limita-se a pedir que os dois povos unam e confundam os seus prantos, porque na historia elles tem partilhado as mesmas dores e sofrido as mesmas desventuras. Por isso o sentimento do author é puramente humanitário e não politico.

Introdução à Archéologia da Peninsula Iberica, pelo doutor AUGUSTO FILIPPE SIMÕES, lente de medicina da Universidade de Coimbra.

Os estudos historicos tem nos ultimos tempos conseguido em Portugal despertar um interesse crescente, e atraír a applicação de muitos espiritos elevados. Segue n'isto Portugal a tendência do século que imprime uma nova feição á sciencia historica, e obedece á corrente poderosa, que refundiu completamente o methodo e o sistema d'esses estudos, fazendo da historia a base de toda a sciencia politica e o fundamento principal da sociologia. Infelizmente n'isto como em muitos outros ramos, não se tem adiantado tanto, como era possível; e muito mais se haveria progredido, se condições politicas e sociais, em verdade pouco propicias, não viessem esterilizar muitas faculdades, e desviar muitas aptidões das suas naturezas tendencias. Nem por isso o que se tem feito é menos digno de accolhimento fervoroso?

E a archeologia simultaneamente um ramo complementar da historia e uma sciencia geradora da mesma historia. Pouco ou nada em Portugal se ha escrito sobre o assumpto, e na parte relativa á archeologia prehistoric, pôde dizer-se que é o livro do dr. Augusto Filipe Simões o primeiro trabalho verdadeiramente satisfactorio que apparece.

As investigações laboriosas que servem de base a esta especie de trabalhos pouco ha que se começaram a fazer em Portugal; e essas pesquisas portuguezas conjuntamente com os trabalhos hespanhóes poderam dar já as informações suficientes para o illustre subio delinejar com mão segura e com proficiencia reconhecida o quadro desenvolvido e a critica fundamentada dos factos archeologicos da peninsula.

E o livro do sr. dr. Simões a primeira parte de obra mais consideravel, e occupa-se, como dissemos, das antiguidades prehistoric. Depois de estabelecer os principios geraes da sciencia, o livro estuda os monumentos antigos, as primícias da arte, os problemas que se lhes ligam, as cavernas, os megalithos, e finalmente as origens ethnicas das raças peninsulares. Muitas gravuras elucidativas acompanham o texto. Ao nome já illustre do sabio, veio este livro acrescentar um florão precioso.

E editora da obra a livraria Ferreira, rua Aurea, e a edição em caracteres elzivirianos, impressa nas officinas de Castro Irmão é das mais bellas, que temos visto, e faz honra aos progressos da arte typographica em Portugal.

Historia e historias por M. E. LOBO DE BULHÕES.

Uma outra edição da mesma casa em que apareceu a precedente obra, é o livro que com o título *Historia e historias* publicou recentemente o sr. Lobo de Bulhões.

E o sr. Lobo de Bulhões um escriptor muito conhecido e apreciado por varios trabalhos importantes. O seu ultimo livro é uma serie de narrativas, umas de sucessos verdadeiros dos fins do seculo passado, e da primeira parte d'este seculo, outras de factos sociais contemporaneos colhidos pelos author com um grande espirito de observação, e apresentados com uma ironia ligeira, com um humour fleumático de escriptor britannico, que muito entretem o leitor.

O estylo facil, singello, natural e agradavel d'estas narrativas é uma das qualidades do escriptor, que por todos estes titulos tem adquirido uma reputação merecida e um justo renome.

JOÃO TEDESCHI

VARIÉDADES

Estranha applicação do sufragio universal :

Os habitantes da pequena cidade d'Awa, no Japão, eram victimas, todas as noites, de roubos, de que a polícia local, não conseguia descobrir os authores. O

chefé da polícia d'aquelle sitio, vio-se tão desesperado que por fim começou a arrancar os cabellos da trança como signal de despeito administrativo.

A final tanto raspou o cerebro que lhe brotou uma idéa luminosa.

Mandou reunir toda a provação e deu ordem aos habitantes que inscrevessem n'um bocado de papel o nome d'aquelle que suspeitassem ser o criminoso.

O resultado d'este escrutinio foi ter a maioria de votos uma das pessoas presentes, que ficou de tal modo abismada com a coisa, que não teve outro remedio senão confessar a culpa. Foi imediatamente eleito prisioneiro e decapitado.

* *

Segundo o relatorio publicado pela polícia municipal de Londres, o numero dos roubos aumentou em 1877 de 18 o/o relativamente aos do anno de 1871.

O numero dos agentes é de 10,359, em quanto que em 1869 havia apenas 7,784.

A população de Londres, que era em 1869 de 3,671,000 pessoas, em janeiro de 1878 era de 4,300,000 habitantes, vivendo em 620,000 casas.

O *Almanach dos empregados* da polícia para 1878 diz que um agente tem sob a sua guarda : em Birmingham, 736 pessoas; em Sheffield, 921; em Liverpool, 444; em Manchester, 449 e em Edimburgo, 515.

Londres é a cidade do reino, depois de Liverpool e Manchester, em que o numero dos agentes é menos consideravel relativamente á população.

* *

Abriu-se ultimamente em Londres um club, em que são admittidas as senhoras. É ornado com muito luxo. Só a mobilia custou 45 contos de reis.

* *

N'um exame :

— Tem algumas noções elementares acerca dos corpos? pergunta o examinador.

— Sim senhor.

— Bem. Diga-me o que é um corpo transparente? (*Silencio profundo e solemne.*)

— Um corpo transparente é... agora me lembra... é... é...

— É um corpo atravez do qual se vê a luz.

— É tal e qual.

— Está bem. Mas já que não soube dar-me a definição, dé-me um exemplo?

— Por exemplo, uma fechadura.

— Como assim, uma fechadura?

— Está claro, pelo buraco da chave vê-se a luz!..

* *

Trez padres, em Coimbra, discutiam o preço por que cada qual dizia missa.

— Eu cá, dizia um, por menos de dez tostões não faço obra.

— Isso é bem bom, quando se pôde fazer assim, dizia outro, mas emfim, eu, por cinco tostões, ainda lá vou.

— Pois eu, diz d'ali o terceiro, mesmo por seis vintens, digo uma missa.

— Isso é desgraçar o officio, exclamaram os outros.

Elle, então, para os consolar, disse-lhes :

— Mas tambem que missa digo eu por seis vintens! Sim, que missa lhes dou eu por seis vintens!

Proprietaire Gerant : SALOMON SARAGGA.

PARIS.— Impr. J. CLAYE.— 1. QUANTIN et C°, rue St-Benoit [1368].

Papier de la maison Firmin-Didot et Cie.

OS DOIS MUNDOS

ILLUSTRAÇÃO PARA PORTUGAL E BRAZIL

PERIODICO MENSAL PUBLICADO COM A COLLABORACÃO DOS PRINCIPAES ESCRIPTORES E ARTISTAS PORTUGUEZES E ESTRANGEIROS

PREÇOS DA ASSIGNATURA

PORUTGAL E COLONIAS (Moeda forte)

Anno	3\$000 réis.
Semestre	1\$500 "
Trimestre	8\$00 "
Mez ou numero avulso	\$300 "

BRAZIL E AMERICA DO SUL (Moeda fraca)

Anno	10\$000 réis.
Semestre	5\$000 "
Trimestre	3\$000 "
Mez ou numero avulso	1\$000 "

FRANÇA

E ESTADOS DA UNIAO GERAL DOS CORREIOS	46 francos.
Anno	8 "
Semestre	4 "
Trimestre	1 fr. 50
Mez ou numero avulso	

As assignaturas são pagas adiantadamente.

Os assignantes de Lisboa ou Porto poderão, querendo, pagar os seus numeros no acto da entrega, na razão de 300 réis por cada numero.

Os annuncios e assignaturas devem ser dirigidos em França ao Sr. Salomão Saragga, rue Lauriston, 11, PARIS. Em Portugal, ao Sr. David Corazzi, rua da Atalaya, 42, LISBOA; e no Brazil ao Sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, 83, RIO DE JANEIRO.

BENTO MORENO

COMEDIA DO CAMPO

(SCENAS DO MINHO)

VOLUME I

Historia vulgar. — Vingança do morto — O brinco d'Ermelinda.
A cobra. — O criado do cura. — O tio Agrella. — O ramo d'oliveira.
O canto do gallo. — O caso do Manoel do Eido.

VOLUME II

AMOR DIVINO

(ESTUDO PATHOLOGICO D'UMA SANTA)

VOLUME III

(NO PRELO)

Antonio Figueiro. — A morte Negra. — O rei Absoluto. — O enterro d'um cão
Os ovos do recebedor da comarca.

Preço de cada volume : 500 réis

NOTA. — Os volumes da *Comedia do Campo*, já publicados vendem-se separadamente. Os pedidos podem ser dirigidos à Empreza Horas Românticas, Lisboa, rua da Atalaya, 42. O porte do correio é franco.

BIBLIOTHECA ILUSTRADA DE INSTRUCCÃO E RECREIO CONTOS INFANTIS

Cada conto forma um folheto com 6 excellentes gravuras coloridas.

ACHAM-SE PUBLICADOS OS SEGUINTES

- CHÁ DE D. BICHANA, (2.ª edição) Preço 200 réis.
- JANTAR DOS TÓTÓS, (edição esgotada)..
- PINTAROXO, (edição esgotada).
- O CÃO PALHAÇO, (edição esgotada).
- HISTÓRIA DE JOÃO DE GATINHAS, (edição esgotada).
- ANSELMO, O RUIM. Preço 200 réis.
- HISTÓRIA DO BARBA AZUL. Preço 200 réis.
- O MENINO E OS GIGANTES. Preço 200 réis.
- ALADDIM OU A LAMPADA MARAVILHOSA. Preço 200 réis.
- AVENTURAS DE UM ANÃO. Preço 200 réis.
- ALI-BABA OU OS 40 LADRÕES. Preço 200 réis.
- A PRINCEZA ENCANTADA. Preço 200 réis.
- A VELHINHA QUE MORAVA N'UM SAPATO. Preço 200 réis.
- A CAZA DE JOÃO RATÃO. Preço 200 réis.

NO PRÉLO

- A MAMÃ.
- O TARECO DE BOTAS.
- A GATA BORRALHEIRA.

À VENDA NA EMPREZA HORAS ROMÂNTICAS

Rua da Atalaya, 42, Lisboa

GUERLAIN DE PARIS

15, Rue de la Paix, 15

Perfumeria de Luxo.—Artigos Recommendedos.

AGUA DE COLOGNE IMPERIALE.—SAPOGETI, Sabonete de toucador.—Creme Saponina (AMBROSIAL-CREAM) para a barba.—CRÈME de FRAISES para amaciaria a pelle.—Pôs de CYPRIS para branquear a cutis.—STILBOIDE Cristallizado para o cabello e barba.—AGUA ATHÉNIENNE e Agua LUSTRALE para perfumar e limpar a cabeca.—SHORE'S CAPRICE, PERFUME DE FRANÇA.—FLORES NOVAS para o lenço.—Agua de CÉDRAT e Agua de CHYPRE para o toucador.

PAPEL RIGOLLOT

ou
MOSTARDA EM FOLHAS PARA SINAPISMO

Medalha de Prata
Havre, 1868

MEDALHA DE OURO

Lyon, 1872

MEDALHA DE PRATA
Paris, 1872

Diploma Honorifico

EXPOSICAO MARITIMA, PARIS, 1875
Adoptado pelos hospitais de Paris, pelas Ambulancias e hospitais militares, pela marinha nacional francesa e pela marinha real inglesa, etc., etc.

« Conservar à mostarda todas as suas propriedades obter em poucos instantes com a menor quantidade de medicamento possível um efeito decisivo, eis os problemas resolvidos pelo sr. RIGOLLOT, com o mais feliz resultado. » (A.) Bouchardat, *Anuario de Therapeutica*, 1868.

AVISO IMPORTANTE

Devemos aconselhar aos nossos freguezes que se acatelem contra o papel que se lhes apresentar como podendo substituir o **papel Rigollet para sinapismos**. O nosso papel é o único adoptado pelos hospitais civis, e militares, a bordo dos navios do Estado. E alem disto o único premiado nas exposições universaes tendo obtido varias medalhas de prata e uma de ouro e recentemente um diploma honorifico.

Por conseguinte, todo o papel que não tiver a firma de **Rigollet** deve ser recusado como falsificado.

N. B. — As nossas caixas são envolvidas por uma tira de papel amarelo, que traz a firma do inventor.

Exija-se esta firma. — F. Rigollet.

Ha falsificadores.

Paris. 24, Avenue Victoria, 24.

Paris.

Depositos : No Rio de Janeiro, Duponchelle, em Pernambuco, Maurese e Cia.

GRANDE HOTEL

DO

BRAZIL E PORTUGAL

RUE DE MONTHOLON, 30

PROPRIETARIO, L. LA PIERRE

PARIS

Este hotel situado no centro da Cidade, proximo dos caminhos de ferro e na vizinhança do Square Montholon acaba de ser novamente mobilado e organizado pelo seu novo proprietario que falla portuguez e hespanhol.

Accomodações independentes para familias e quartos separados a preços modicos por dia ou por mez.

Comida por lista ou á meza redonda.

Completo sortimento de vinhos franceses portuguezes e hespanhoes.

CATAPLASMA LELIÈVRE

INSTANTANEA

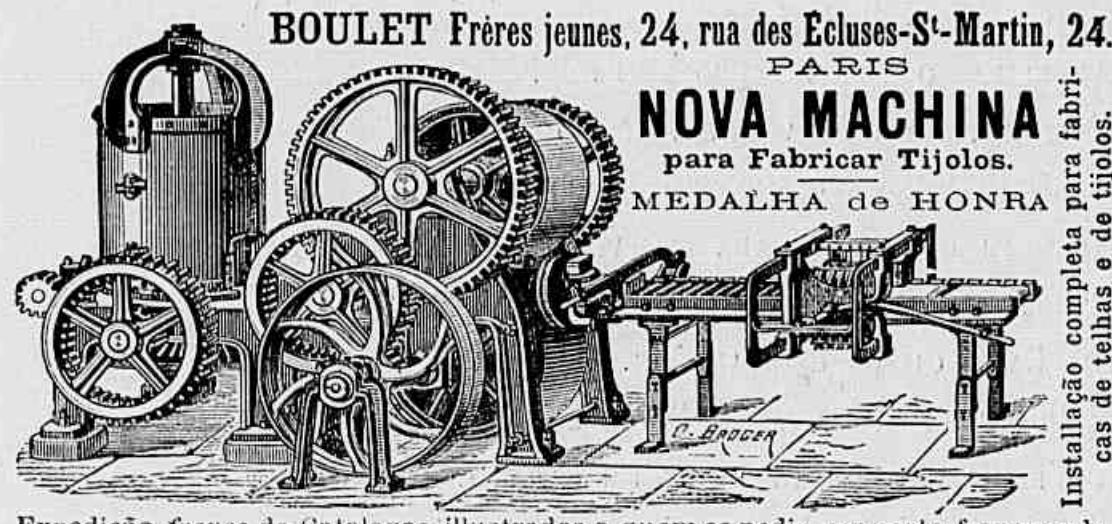
APPROVADA PELA ACADEMIA DE MEDICINA

Adoptada pelo Ministerio da Guerra, pelas Ambulancias e Hospitais e pelo Ministerio da Marinha para o serviço da armada. PRIVILEGIADO S. G. D. G.

Mais emoliente do que a Cataplasma de linhaça, de mais commodo emprego, não exigindo pannos nem compressas.

VENDA POR ATACADO :

24, Avenue Victoria, 24, Paris. — A retalho : em todas as Pharmacias.



ANTI-GOTTOSO BOUBÉE

XAROPE DEPURATIVO VEGETAL

Apresentado a Academia de Medicina de Paris e privilegiado em 1840. Recomendado ha mais de meio seculo pelos mais celebres Doutores de Paris, como um especifico infallivel contra :

GOTTA E RHEUMATISMOS

Allivia instantaneamente as dôres e cura radicalmente.
EXIGIR AS NOVAS GARRAFAS COM AS MEDALHAS NO ROTULO
DEPOSITO GERAL : Paris, 4, rue de l'Échiquier.

VELOUTINE PÓ de Toucador

IMPALPABEL, ADHERENTE E INVISIVEL

Substituindo com vantagem o pó d'arroz e outras preparações.

Basta uma leve applicação para dar á pelle a frescura e o avelludado da mocidade.

5 francos caixa completa com borla.

4 — — — sem borla.

Paris

A' venda nas principaes lojas de perfumarias.

MEDALHA DE PRATA
Expoição Internacional de Paris 1875.

TRATAMENTO CURATIVO

PHTISICA PULMONAR

Em todos as grãos e em geral de todas as doenças do Peito e da Garganta

POR MEIO DO

SILPHIUM CYRENAICUM

Experimentado pelo Dr. LAVAL e adoptado nos Hospitais de Paris e das principaes cidades de França.

Importado e Preparado

POR DERODE & DEFFÈS, PHARMACEUTICOS DE 1^a CLASE

Paris — 2, rue Drouot, 2. — Paris.

O Silphium administra se em Granulos, Tintura e em Pô.

Em Rio-Janeiro : Ruffier-Martelet e Cia. — Em Bahia : Lima Irmaos e Cia. — Em Pernambuco : Bartolomeo e Cia.

AGUA do Doutor A. HOLTZ

PARA TINGIR o CABELLO

Composta exclusivamente de principios vegetaes, a Agua do Doutor Holtz não apresenta nenhum dos inconvenientes que se encontram em quasi todas as tinturas d'este genero. Da ao cabello uma cor natural, destroea a caspa e conserva o caseo n'um estado de limpeza constante.

A Agua do Doutor Holtz é não só um excellente artigo de toucador, mas tambem um tonico perfecto.

Cada frasco é acompanhado d'un prospecto revestido, bem como os rotulos, da assignatura do Doutor A. Holtz.

Les Abonnements et les Annonces sont reçus

AUX BUREAUX DE LA

CORRESPONDANCE PARISIENNE

14, rue de la Grange-Batelière, 14